

17 abril 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 1h15
M12

Adaptação das peças de Nathalie Sarraute *Por Tudo e por Nada* e *Aqui está Ela*

ENCENAÇÃO
Carla Bolito

TRADUÇÃO
Ricardo Marques, Carla Bolito

ENCENAÇÃO
Carla Bolito

INTERPRETAÇÃO
Anabela Brigida, Álvaro Correia, João Cabral, Marcello Urgeghe

DESENHO DE LUZ
Daniel Worm

CENOGRAFIA
Carlos Bárto

FIGURINOS
Ricardo Preto

EFETO SONORO
Rui Dâmaso

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Lorena Pirro

COPRODUÇÃO
Estado Zero/Teatro São Luiz com o apoio do fundo cultural da SPA

Tudo a que se Chama Nada

Carla Bolito

UMA PEQUENA HISTÓRIA DA SUBTILEZA

A Poesia é aquilo que torna visível o invisível.
— Nathalie Sarraute

Fernando Pessoa disse, com razão, que o mito é o nada que é tudo. Com isso talvez tenha querido dizer que tudo o que é inventado pelo homem para o convencer de que existe, as histórias que sobre si inventa e (re)conta são mais poderosas do que mil vidas reais, mais vivas até do que essas mesmas vidas. Esta nova adaptação de Sarraute situa-se neste terreno de subtilezas, tecidas em filigrana, onde *tudo* se joga em pequenas *nadas*.

Neste terreno escorregadio, *tudo* pode modificar-se com uma só palavra, uma só frase, uma forma de pronunciar ou até mesmo um silêncio: *Nada*. Durante conversas aparentemente banais, a utilização de determinada palavra, a entoação de uma determinada frase, ou até um silêncio prolongado, ganham uma dimensão excessiva e criam um mal-estar inexplicável. As palavras passam a ser analisadas microscopicamente. Ninguém chega a compreender a origem desse mal-estar.

A palavra torna-se de tal forma no centro das atenções que se confunde com a matéria do drama. Todos passam a desconfiar uns dos outros. Um homem fica perturbado pela breve presença de uma mulher que terá ouvido a sua conversa com um amigo. Movido pela obsessão de que ela tenha ficado com uma ideia pouco favorável acerca de si próprio, inicia uma autêntica batalha com o objectivo de desfazer essa ideia que, na realidade, ninguém consegue explicar. Dois amigos quase terminam a sua amizade. As palavras desencadeiam reações cada vez mais violentas, levando as personagens a zonas perigosas, a movimentos interiores delicados, onde o diálogo é o mecanismo que encobre e revela.

Podemos pensar se estamos no domínio da poesia, nestas peças de Sarraute, no sentido de uma indecifração do discurso dramatúrgico sobre as coisas reais. Vemos a interação de personagens em palco, mas as palavras que dizem são tão discutidas que parecem irreais, longe da vida. Uma das personagens inclusive lembra, a um dado momento, o verso de Verlaine, “A vida está ali, simples e tranquila”, como propósito para o qual a vida deve sempre tender; no entanto, esse é um fim que, ironicamente, não podia estar mais longe da vida dessas personagens de Sarraute. A nenhuma parece interessar um final feliz, ‘a vida simples e tranquila’ ou, pelo menos, parece interessar-lhes mais a discussão de qual fim será mais feliz (*Tudo? Nada?*).

Há, cremos, duas palavras polissémicas que se salientam nesta peleja de todos os tempos, nestas peças do real quotidiano: *condescendência* e *tolerância*. Se à primeira recorremos, tantas vezes de forma (in)consciente, para ofender, sabemos que a segunda é essencial para conviver com os demais, sem degenerarmos na ofensa.

Estamos, por tudo isto, perante um texto sofisticado, alimentado por pequenos requintes linguísticos, onde nada parece ser exactamente o que é, ou melhor, nada é aquilo que parece ser exactamente.

Tudo.

Nada. Não serão o mesmo?

Ricardo Marques



MORADA
Praça da República
3000-343 Coimbra

BILHETEIRA
Online: tagv.bol.pt (e lojas fnac)
Bilheteira: segunda e terça,
14h00—20h00
Em dias de evento abre uma hora
antes e fecha até meia hora depois.
Encerra aos sábado, domingos
e feriados.

TELEFONE
239 855 630

EMAIL
teatro@tagv.uc.pt

FACEBOOK:
@TeatroAcademicodeGilVicente

INSTAGRAM:
@teatrocademicodegilvicente

E PORQUÊ SARRAUTE?

Quis voltar às palavras. Ao poder infinito das palavras, quer na sua expansão, quer no seu movimento contrário, quando nenhuma palavra corresponde à tradução dos batimentos cardíacos, subitamente alterados pelo poder de uma palavra ou de uma entoação. Ainda somos alterados pela forma como ouvimos (ou lemos) um adjetivo e mesmo o mais prazeroso pode causar-nos uma inesperada incompreensão ou aversão. Toda a obra de Sarraute é à volta da linguagem, dos impulsos que se encontram na origem das nossas atitudes e acções, subjacentes, claro está, à forma como nos expressamos. A sua linguagem é feita de movimentos subtils, de ténues apelos e de recuos: e todos, em conjunto, constituem a trama invisível das relações humanas. Sarraute explora o momento em que se tem a impressão de que nada acontece e que é quando se passa a ver, de forma microscópica ou em câmara lenta, o que se vai formando na linguagem. Uma permanente mutação assente na impossibilidade de fixar numa palavra, ou num conjunto de palavras, a expressão de sentimentos inexplicáveis ou da tentativa dessa representação. Este gesto de ampliar e de esvaziar as palavras, por vezes reduzidas à sua essência fonética, expressa num mal-estar manifestado pelos seres falantes de Sarraute, levou-me a este gesto teatral que coloca a palavra e os actores como propulsores da linguagem em palco.

Carla Bolito

NATHALIE SARRAUTE (1900-1999)

Escritora e ensaísta francesa. O seu tipo de escrita é um dos mais pertinentes do século XX. Inicialmente associada ao círculo existencialista de Beauvoir e Sartre, tornou-se a principal teórica e praticante do movimento literário de vanguarda das décadas de 1950 e 1960, conhecido como nouveau roman, o novo romance. O seu primeiro romance, *Tropismos* (1932, publicado em 1939) surge como um precursor do nouveau roman. Nesse livro, Sarraute tenta recrivar os movimentos interiores da consciência, que segundo o seu ponto de vista, constituem a «fonte secreta» da existência.

Introduziu a noção de “tropismos” que passa a explorar em todo o seu trabalho. Trata-se de um termo emprestado da botânica e que significa impulsos elementares alternadamente de atração e de repulsão uns pelos outros. Descreveu esses impulsos como os movimentos imperceptíveis que estão na origem das nossas atitudes e acções e que formam o substrato de sentimentos como a inveja, o amor, o ódio ou esperança. Sarraute atribui um duplo estatuto a esses movimentos: o de sem nome e o indizível. O primeiro termo deixa em aberto a possibilidade de ser nomeado, o segundo elimina essa possibilidade. Esta relação cria uma tensão permanente em todas as suas peças, num confronto entre a tentativa de captar através da linguagem o que não tem nome e a impossibilidade de o fazer.

Além de romances e ensaios, escreveu seis peças de teatro sempre com a mesma problemática: a palavra que conduz a ação dramática: *Le silence e Le mensonge* (1967), *Isma ou ce qui s'appelle rien* (1970), *Elle est là* (1975), *C'est beau* (1978) e *Pour un oui et pour un non* (1982).

Sobre o seu teatro, disse Nathalie Sarraute: “As personagens começaram a dizer coisas que normalmente não são ditas. O diálogo deixa a superfície, desce e instala-se no patamar dos movimentos interiores que são a substância dos meus romances, instala-se no pré-diálogo. Mas é preciso que a sensação, o que se sente, seja imediato, trazido por palavras comuns. Creio que para os espectadores a quem me dirijo, este contraste entre o fundo insólito e a forma quotidiana dá a estes movimentos, tantas vezes escondidos, um carácter mais dramático, mais violento. E também um efeito cômico, de humor. (...) Nas minhas peças, não há ação, ela foi substituída pelo fluxo e refluxo das palavras.”

CARLA BOLITO (ATRIZ E ENCENADORA)

Iniciou-se nas lides teatrais no CITAC em Coimbra. Depois mudou-se para Lisboa onde fez o curso de teatro do IFICT dirigido por Adolfo Gutkin e o curso de atores – teatro - do Instituto Franco-Português, dirigido por Aldona Skyba-Lickell. Estagiou na Compagnie Ouverture, dirigida por Alain Maratrat em Paris. Iniciou o seu percurso profissional com a companhia de teatro O Bando, dirigida por João Brites onde permaneceu durante alguns anos. Depois, de forma a ampliar a sua experiência, passou a atriz freelancer. Destaca o trabalho com a(o)s seguintes encenadora(e)s: Lúcia Sigalho, Mónica Calle, Rafaela Santos, Teresa Sobral, Cristina Carvalhal, Cucha Carvalheiro, Jorge Silva Melo, Jorge Andrade, Miguel Loureiro, Gonçalo Waddington, Martim Pedroso, João Telmo, Carlos J. Pessoa, Richard Foreman, Tiago Rodrigues, Tiago Mateus e Francisco Camacho. Também trabalhou como intérprete em espetáculos de dança de Clara Andermatt e Olga Roriz. No cinema destaca o trabalho com o(a)s seguintes realizadore(a)s: Joaquim Sapinho, Fernando Vendrell, Cristián Jiménez, Jean Sagols e Margarida Cardoso. Ganhou o prémio Imprensa de Melhor Atriz do Festival Stars de Demain em Genebra (1995) com Corte de cabelo de Joaquim Sapinho e o prémio Shooting Stars do festival de Berlim (2002) com O gotejar da luz de Fernando Vendrell. A partir de 2000 começa a encenar, trabalho que passa a desenvolver em paralelo com o de atriz. A sua peça Transfer, da qual também foi autora do texto, foi editada através do Concurso de Apoio às Novas Dramaturgias do IPLB (2006). Em 2016, em conjunto com Tiago Mateus e Marcello Urgeghe, criou a Estado Zero, com a qual tem vindo a apresentar as suas encenações. Em 2023 encenou a peça Vermelho é a cor do meu luto, da qual também é a autora do texto e que este ano foi selecionada pela Maison Antoine Vitez (em Paris), obtendo assim a sua tradução para francês. Tudo a que se chama nada estreou em Janeiro deste ano na sala-estúdio Mário Viegas no Teatro São Luiz.

